

A biblioteca e sua ação¹

Nanci Gonçalves da Nóbrega*

Resumo:

Este trabalho procura indicar algumas questões a considerar para planejar os acervos de bibliotecas: o papel da leitura hoje, a contextualização da biblioteca, a virtualização e a proposta pedagógica são elementos que não podem deixar de ser incluídas nesse processo.

Palavras-chave: biblioteca, acervo, planejamento.

Guardar

Antonio Cícero

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la,
isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela,
isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema: para guardá-lo:

para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

guarde o que quer que guarda um poema:

por isso o lance do poema:

por guardar-se o que se quer guardar.

Para início de conversa

Como sabemos, a palavra **biblioteca** etimologicamente significa *caixa de livros*. E a força da palavra cristalizou no inconsciente coletivo um significado só. Por isso, quando falamos biblioteca, a imagem que

*Doutora em Ciência da Informação pelo MCT/IBICT-PPGCI -UFRJ e professora adjunta da Universidade Federal Fluminense. Publicou, entre outras obras, *Brincando com o livro e Informando*, ambos pelo Inelivro.

surge, para a maioria das pessoas, é árida: uma caixa fechada, inacessível, com tranca. Lugar inóspito, sombrio, ranzinza. Lugar de *morte*.

Quero desconstruir tal significado, apresentando em seu lugar a imagem de uma *cristaleira*. Lembra das belas cristaleiras que quase não existem mais? Nelas ficavam guardadas – mas à vista, ao desfrute, ao gozo constante – os tesouros da família. O jogo de copos de cristal, as peças de porcelana dos dias de festa, a lembrança daquele aniversário querido concretizada na flor de papel laminado, amarelecida pelo tempo, a foto do morto, patriarca eterno a vigiar carinhosa ou dolorosamente todos os nossos atos, o diploma tão arduamente conquistado... Nas cristaleiras o que guardávamos eram fios (in)tangíveis a nos costurar o que somos de verdade: singularidades permeadas pela presença do Outro, do mundo. Espirais em processo, em contínuo movimento. Lugar de *vida*.

Por isso, tal qual o poema nos diz, quero aqui convidar ao conceito de biblioteca como um *território de produção de sentidos*, onde as possibilidades de (re) significação enovelam-se, tecem(-se) (em) oportunidades de inclusão dos vários saberes, querereres, dizeres, sentires, pensares dos seus leitores/usuários.

Repito: biblioteca como território² e, não somente como um espaço físico. Se existe um espaço próprio e apropriado é um bom sinal; mas, de verdade, a felicidade maior é a **ação biblioteconômica**. Porque a gente sabe que uma biblioteca *não é* um espaço cercado de livros por todos os lados, de jeito nenhum. Então, compreender bibliotecas como uma ação que envolve acervo, como uma ação que envolve leitura, é pressuposto fundamental para iniciarmos qualquer conversa sobre lugares de uma ação cultural com os sujeitos sociais. Ação que envolve acervos e leitura, para compreender, afinal, que estamos falando é de informação, é de construção de conhecimento, é de significação.

Porém, é preciso compreender acervos não só como uma multiplicidade organizada de livros, ou vídeos, ou cds, ou outros quaisquer suportes. Nem leitura só como decodificação de um código escrito, organizado enquanto uma estrutura textual.

Voltando atrás na conversa

Geralmente quando vamos tratar de algum assunto, por uma *deficiência conceitual*, se me é permitido chamar assim, temos o vício

da descontextualização. Quando se vai falar de biblioteca, de lugares de acervos, de leitura, pinçamos o assunto do contexto e o tratamos somente enquanto fragmento. Belo erro, pois nada é uma ilha, nada está solto, nada é somente uma parte em si. (Exemplo bem simples, de sentir na pele? Com todo respeito, a gente tem uma dor aqui e aí sai correndo pro médico (com todo respeito, heim?) – Me ajuda, por favor, estou morrendo. Aí ele olha assim e diz: – Me desculpe, minha senhora, eu sou médico em dor do lado de lá; a minha especialização é em dor do outro lado. Por favor saia do caminho, vá morrer ali no corredor, para não atrapalhar meus fregueses, sim?...)

Na assim denominada pós-modernidade a fragmentação de tudo reflete-se também, é claro, em nosso fazer. Vamos trabalhar em nossas bibliotecas vendo-as soltas do contexto. Ali, a informação é transformada em um *a priori*, um dado, desconectada, emparedada em si. Sem perceber nós lidamos com a informação pensando-a como o suporte que a contém. Se os meninos chegam às bibliotecas ávidos de curiosidade, desejosos de compreender, fornecemos a eles fragmentos ridículos de dados desconexos. Nós e, não, laçadas de uma rede que eles – bem feito! – tratam de ir tecer em outro lugar. Por isso, em nossos *lugares de leitura*³ deveríamos estabelecer uma prática reflexiva a respeito da contextualização, uma ação voltada para a conexão de todos os elementos do processo de construção do conhecimento.

Ao contextualizar, comecei a acertar um pouco mais. Ou melhor, a errar menos. E a me fazer, ostensivamente, algumas boas perguntas: do que se trata? isso aqui é o quê? um espaço cercado de livros por todos os lados? ou é uma *possibilidade* para marcar uma época, um modo de fazer, um modo de ser, um modo de construir? um modo de interferir com a realidade?

Diante da frase afirmativa – a leitura e seus lugares são importantes para a construção do conhecimento – preciso pensar se isto está realmente penetrado em mim, ou é só um clichê, um fragmento de discurso, esvaziado de sentido. Quando sento uma criança em meu colo, pequitinha, e conto uma história, ou trabalho com ela no computador, estarei refletindo este fazer contextualizado? Saberei a *marca*, o *lastro* que estou deixando? Ou é só uma atividade, dentre tantas?

Então, este fazer com os acervos, com a leitura, é infernal; é um trabalho de muita alegria, mas é um trabalho de muito suor, porque a

gente nunca mais na vida pode ser inocente. Nunca mais pode estar desatento. Tenho que *estudar* _ e eu quero resgatar o valor desta palavra _ pois não se pode fazer este fazer sem reflexão. Para trabalhar leitura enquanto construção de conhecimento, com uma criança, com um adolescente, com um adulto, preciso elaborá-la também em mim. Estou construindo conhecimento em mim? O que quero, o que preciso saber? O que quero ser? Do que quero, ou preciso, fazer parte? Quero ser somente detentora, legitimada ou não, de uma coleção? Quero ser parte da comunidade que constrói esses lugares de leitura como territórios, ou sou, eu mesma, apressada usuária, *consumidora* dessa coleção? A felicidade é ter a possibilidade de ir ao estoque informacional, acessá-lo e achar aquela única resposta codificada? Ou quero ser *produtora* de conhecimento?

Do que trata, portanto, este fazer com acervo e leitura? E, nesse sentido, dinamizar para quê? Por quê?

Se entendo que dado é diferente de informação, que por sua vez é diferente de conhecimento, compreenderei os suportes informacionais como possibilidades de construção de conhecimento, mas que só serão conhecimento construído no momento em que souber me apropriar deles, pela leitura.

E se penso *como uma equação* a apropriação, pela leitura, das múltiplas possibilidades por meio dos suportes, pergunto-me, então: como é que acontece o acesso a esses estoques? Os “suportes” estão em nossas bibliotecas só para fazerem-nas bonitas? Ou eles estão se mostrando, convidando aos que entram a usufruí-los? Como no mito do labirinto: entrar e se perder-achar por todos os caminhos que lá dentro há. Metáfora maravilhosa, desde sempre compreendida por Borges, esta imagem me ajuda a pensar Biblioteca enquanto espacialidade que se (re)constrói constantemente. Pois os caminhos são tantos quantos forem os heróis a penetrar em seus corredores⁴.

Penso que é aí mesmo que se pode compreender a **ação pedagógica** a ser implementada nas bibliotecas. Diferentemente de uma escolarização repressora e reprodutora⁵, porta-voz de um único e permitido caminhar, a animação cultural de que estamos tratando tem como força-motriz o entendimento de **animação** enquanto *ãnima ação* (ação da alma). E, a partir daí, será menos complicado entender as práticas culturais, em sua pluralidade, como arcabouço teórico-metodológico de um projeto com ações continuadas, interligadas,

contextualizadas com as comunidades que as configuram, que são configuradas por elas.

Preciso, pois, perceber onde me enlaço: se sou educador e respeito o compromisso social dessa função, que eu goze do banquete da leitura, da possibilidade de encontrar tantos caminhos e tantos heróis, mas que eu compreenda a dimensão de assim ser. Nesse sentido, alguns fios precisam ser puxados a fim de costurar o meu *fazersaber*.

Um fio é o da **leitura**: eu não posso fazer este fazer sem me perguntar sobre leitura.

Também preciso me indagar sobre outra questão fundamental, a da construção através dos tempos dessa necessidade humana de colecionar, de registrar os produtos do conhecimento. Assim, contextualizar a instituição **Biblioteca** hoje, e como ela foi, e quais são as possibilidades desse espaço/ação daqui por diante, é passo essencial. E, assim sendo, capital também é refletir sobre a questão da virtualidade, da **virtualização** de nossos *lugares de leitura*, já que intensificadas estão as reflexões e práticas relacionadas com as categorias de tempo/espaço, por causa do surgimento avassalador das novas tecnologias. Suportes intangíveis seriam, ao mesmo tempo, indelévelis? Quais as conseqüências para nosso fazer se as respostas a essas indagações forem negativas e/ou positivas? Fala-se já de uma *presença da ausência*, o que certamente arrepia alguns dentre nós, acostumados que estamos em lançar o olhar e abarcar tudo – nossos estoques à mão, obedientemente organizados em prateleiras palpáveis, oferecendo-se ao cômodo reconhecimento.

Outro fio a puxar, outra categoria fundamental para se refletir quando lidamos com acervos e leitura para uma *proposta pedagógica de animação cultural* (o tema deste escrito, afinal), é a questão da **memória**, já que acervo é *concretude de memória*, pois os suportes são os registros do conhecimento humano e as informações que ali estão registradas foram produzidas como conhecimento transmissível; são uma *memória coletiva*⁶ da sociedade.

A questão da **oralidade** também é importante, apesar de muitas vezes ser deixada à parte porque geralmente a leitura é pensada só como decifração do código escrito, e, assim sendo, Biblioteca estaria afeita só a livros, a impressos. Leitura, pois, tem a ver com escrita e oralidade. Afirmção que deve servir de base para muitas reflexões.

Então, preciso pensar sobre essas coisas para quando botar uma criança no colo e contar uma história ou “brincar” no computador, etc. – para fazer essa ação de construção do conhecimento *prazerosa*, essa ação de leitura, essa ação biblioteconômica –, para eu chegar a isso, por onde passei? Que *marcas* foram feitas no mundo, no social, no coletivo para que se pudesse chegar aqui?

No meu cotidiano de trabalho sempre estive tão explicitamente diante destas teorias, por assim dizer? *Quando* me perguntei sobre a questão da oralidade? Sobre a questão da memória? Sobre a questão da informação? Exercitei sempre estar diante dessas perguntas, dessas categorias? Explicitamente? Constantemente? Antigamente, não. Isso foi vindo aos poucos. Foi uma compreensão que veio aos poucos. Por quê? Porque se está habituado a só ver a parte. Tão logo formados, corre-se a organizar uma biblioteca para trabalhar e, como não se quer aquele espaço ranzinza, parado, cheio de teias de aranha, faz-se uma biblioteca bonita, dinâmica. Mas, ainda assim, *parte*. Solta do contexto. E quando mudam os suportes, no dia em que chegam os computadores, entra-se em pânico paralisante, ou em êxtase estéril.

É bom, pois, refletir sobre as formas de construção e comunicação do conhecimento. Procurar entender a argamassa que constitui os saberes que envolvem nosso fazer. Enrodilhar(-se) (em) teorias e práticas. Contextualizar melhor as ações através da reflexão acerca do paradigma epistemológico atual, que diz que todas as ciências são ciências sociais⁷.

O que é que isto tem a ver com animação cultural e bibliotecas? ... Tudo.

Porque a **leitura** como ferramenta fundamental para se pensar a questão da Biblioteca, dos acervos, permite mais facilmente ver o **receptor** como foco principal. Se antes o *texto era rei*, agora o *leitor constrói sentidos* através de suas leituras, não como delírios, superinterpretações⁸, mas como produto do embate entre as *brechas*, os *indícios* que o texto possibilita, e sua subjetividade, que tem um lugar histórico, ou seja, está relacionada a um determinado contexto.

Porque é exatamente esta categoria de *lugares de leitura* a abordada aqui. No momento em que entra a criança, senta no meu colo e eu quero dizer-lhe qual texto (ou “texto”) é bom para ela, que seja com um dizer de dignas sutilezas feito, pois preciso ter consciência de que falo de um determinado lugar, e que, mesmo que o receptor no caso seja tão pequetito, não é uma tábua rasa, e, afinal, também me ensina.

Então, tudo está junto, está tudo imbricado. Se ainda percebo a classificação de acervos como camisas-de-força, não estaria sendo demonstrada uma submissão a paradigmas já ultrapassados? O leitor que se ocupe em decodificar misteriosas regras instituídas por um emissor enlouquecido, ou enraivecido – parece ser ainda o sinal oferecido aos incautos que adentram alguns de nossos espaços de trabalho.

Se já ouvi sobre História Cultural e a compreendo como concreitude de uma, entre tantas, formas de pensar ciência; desse novo paradigma epistemológico, digamos assim, posso/devo entender as questões que envolvem bibliotecas, leitura e animação cultural inseridas nesta nova forma de historiografar. A historiografia à antiga falava-nos “Quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500.” Então, introjetávamos em nossos corações e mentes que a História só aconteceu porque existiu um iluminado, nesse caso chamado Pedro Álvares Cabral, que, num determinado momento, pá, tirou da cartola o Brasil. Então, a historiografia compreendia os registros no paradigma antigo: estava tudo sempre fora; nós outros, simples mortais, ficávamos sempre querendo ser um dia um Pedro Álvares Cabral para descobrir um Brasil. Sujeitos eternamente desejantes de ser um outro, externo a nós. A historiografia nova de alguma forma nos diz que *todos* construímos História. No cotidiano.

Portanto, qual História (histórias) quero construir? Do que trata este meu fazer? Qual o sentido de tudo isto para cada um de nós? Por quê? Para quê? Se eu sou educador, o que quero? Qual é o projeto pedagógico que tenho? Quando acordo, me levanto, me olho no espelho e penso este meu fazer, o que é que penso? Que estou construindo um projeto, participando de uma construção?

São essas as reflexões a serem feitas, intensamente. É o que necessito pensar ao cogitar as ações de dinamização para minha biblioteca. O que eu quero? Um evento? Mas, um evento *é vento...* Vai embora.

Arredondando a conversa

Se houve uma mudança epistemológica – o livro mudou enquanto objeto (a virtualização dos estoques informacionais bate à porta,

avassaladoramente); a leitura mudou enquanto prática; a biblioteca mudou enquanto espaço operacional –, o fazedor deste fazer entra em mutação também. No que se transformará: especialista? gerente? empresário? engenheiro da informação? continuará somente como guardião do templo? Ou tudo isto ao mesmo tempo, camaleonicamente, complexamente? Preferirá ser ponte ou *atravessador*? Consciente ou inconscientemente? Manipulador subreptício? Ou lúcido construtor?

Nos novos lugares de leitura, onde a ação é voltada ao *desconfinamento dos acervos* e aos verbos discutir e criar⁹; onde o espaço é compreendido como território e, portanto, como espaço social, lugar de transformação, laboratório; onde novas formas e nomes se instalam, muitos deles trazidos pelas tecnologias da virtualização – meu fazer não pode mais ser isolado, estanque, descontextualizado.

Janus, o deus que olha o passado e o futuro ao mesmo tempo, parece bem representar este fazedor que busca e prioriza um *programa de ações*, em lugar de projetos, programa que poderíamos sistematizar com três grandes blocos principais:

1. uma *linha de ação teórico-metodológica*, a fim de contextualizar os projetos e atividades a serem desenvolvidos;

2. uma *linha de ação pedagógica*, cujos pressupostos estão relacionados à questão da leitura em sua dimensão social e à questão das bibliotecas como espaços de *significação e animação cultural*;

3. uma *linha de ação política*, articulando as várias questões envolvidas - conscientização, visibilidade da ação, vontade política, leitura, biblioteca, escola, comunidade e poder público.

Abstract

This text tries to point out some important aspects when planning a library collection: the role of reading, the social and cultural context of the library, virtuality and pedagogic issues must be considered.

Key words: library, planning, collection.

Notas

1. Texto extraído da releitura de NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. *A biblioteca e a sala de leitura como espaço de animação cultural; La biblioteca y la sala de lectura como espacio de animación cultural*. In: RÖSING, Tania M. K.; BECKER, Paulo (orgs.) *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. ed. bilingüe. Passo Fundo, RS: UPF, 2002. p. 349-368.

2. A noção contemporânea de *territorialidade* está belamente vista tanto em Milton Santos (*Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1998), quanto em Muniz Sodré (*O terceiro e a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1982). Território traz, implícita, a acepção de um lugar mais do que meramente físico. É uma espacialidade onde se opera a *individuação* (ver Jung, naturalmente); onde o *agir comunicativo*, conforme sonhava Habermas (HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987) é pressuposto do processo de constituição das *singularidades* (ver Guattari e Deleuze, é claro) – os sujeitos sociais em trama constante com o Outro, com o meio.

3. Estou me apropriando tanto da terminologia que Bruno Latour (em nosso conhecido *Les réseaux que la raison ignore*) utiliza para bibliotecas, considerando-as como *lugares de signos*, laboratórios de redução/ampliação da realidade, quanto à de Jeudy (Henri-Pierre Jeudy. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Univers., 1990) para o que ele denomina de *lugares de memória*. Gosto de dizê-las assim, bibliotecas e salas de leitura, como lugares onde a leitura é a práxis por excelência.

4. É claro que eu também já me deleitei com a figura de Ariadne, tanto mais quanto a pensava como uma metáfora para o bibliotecário. Mas a vida vai correndo e os olhos vão ficando maiores. Hoje em dia surpreendo a mim mesma, muitas vezes, pensando se Ariadne – coitada, o que a gente não faz por amor – não foi uma grande desmancha-prazeres com aquele novelo perceptível e teleguiado. De qualquer forma, ou por isso mesmo, aí está uma grande metáfora para nós, os profissionais da informação.

5. Bourdieu nos ensina muito sobre esta questão da reprodução e da repetição (ver, por exemplo, BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do ensino*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975); da Escola como instituição reprodutora de um *status quo*, de uma situação que se repete eternamente. E, aí, se a gente pensa na Biblioteca como um lugar só para guardar os suportes, e de fazê-los bonitinhos e organizados, digamos assim, também se está reproduzindo uma situação, não há diferença. Há o discurso dizendo que a Biblioteca “é completamente diferente da Escola”, mas, na prática, as duas estariam completamente iguais.

6. Para investigar o instigante conceito de *memória coletiva* gosto de mencionar a obra de Jacques Le Goff (ver, por exemplo, LE GOFF, Jacques (coord.) *Memória e história*. Lisboa: Imp. Nacional, 1984. Enciclopédia Einaudi, 1.); e de Jeudy (*op. cit.*), ou a de Ecléa Bosi (BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queirós, 1979).

7. Quem o diz, maravilhosamente bem, é Boaventura de Souza Santos em seu *Um discurso sobre as ciências*. 9. ed. Porto: Afrontamento, 1997. Diz de quatro coisas fundamentais; mas esta, para mim, é a básica, pois posso traduzir assim: tudo gira em torno do homem.

8. Aprendi muito com Umberto Eco – em seus *Lector in fabula* (São Paulo: Perspectiva, 1990) e *Limites da interpretação* (São Paulo: Perspectiva, 1996) – noções capitais à questão da leitura: interpretação, *superinterpretação*, *leitor modelo* etc. Recomendo o “duelo” com os textos deste autor. O *texto era rei* é minha maneira de dizer sobre uma forma antiga (!) de pensar o texto escrito como Verdade (atenção ao singular e à maiúscula, por favor) dada, irretocável, finita em si. Vem daí a famosa e caquética pergunta *o que o autor quis dizer com isto?*

9. *Desconfinar acervos* é trazê-los, sedutores, ao uso; é tornar possível o acesso, o

prazer de se enlaçar com livros e histórias e saberes e fazeres e querer e pensares. Sistematizei demais em mim esta questão ao participar (em sua concepção de 1992/1996, liderado por Eliana Yunes com a cumplicidade de Francisco Gregório Filho) do Proler – Programa Nacional de Incentivo à Leitura. *Discutir e criar* são verbos apreciados por Luís Milanesi (ver, por exemplo, seu *Ordenar para desordenar; centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo: Brasiliense, 1986).